SEGUNDO CONTRAPROTESTO

AO

PROTESTO

DO

SR. SENADOR VISCONDE DE JEQUITINHONHA

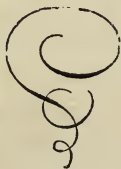
RELATIVAMENTE

Á INTERVENÇÃO DOS ALLIADOS

NO SITIO E RENDIÇÃO

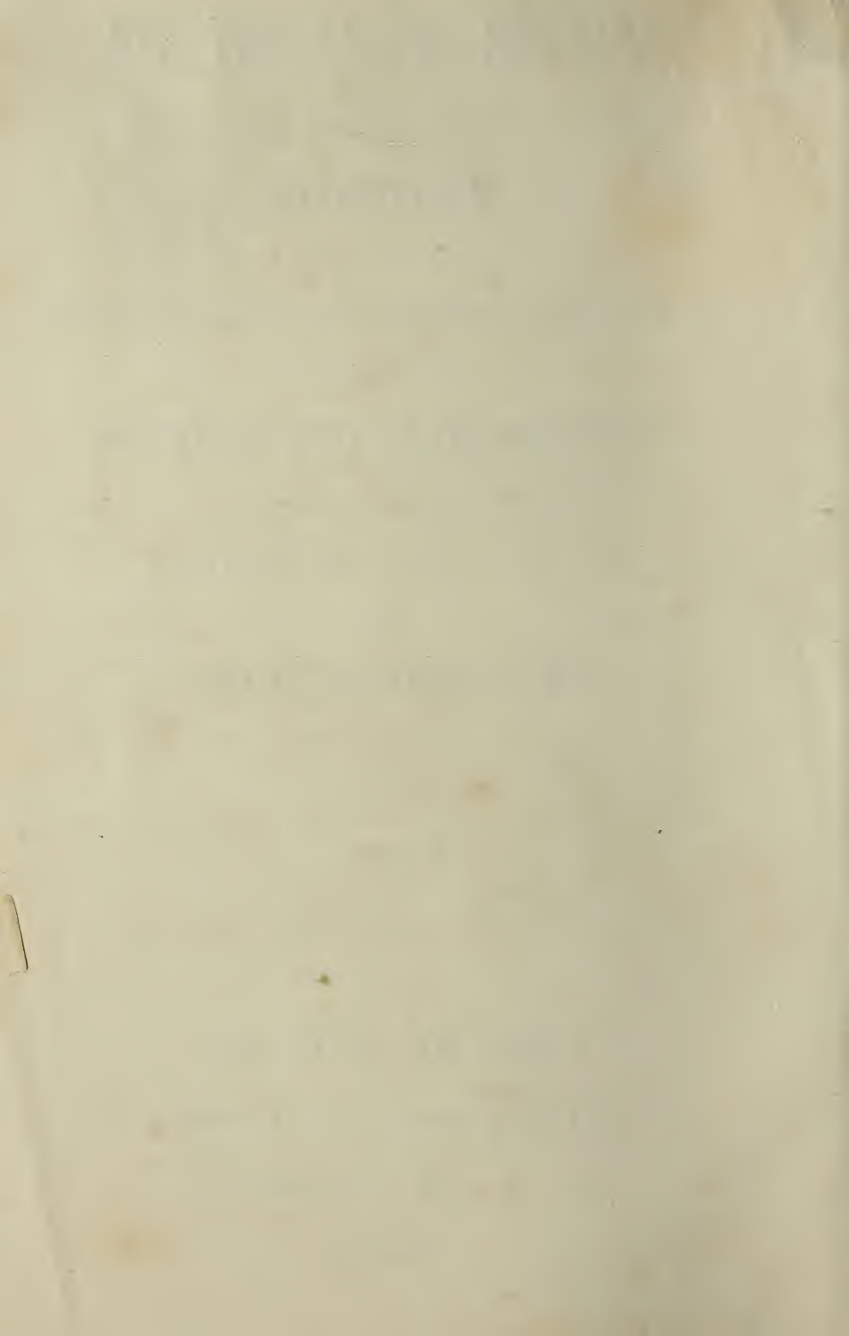
DA VILLA DE URUGUAYANA

POR

UM EX-MINISTRO DE ESTADO.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

1865.

DUAS PALAVRAS PRELIMINARES

Não é prefacio; é uma explicação.

Achava-se já nos prelos este contraprotesto, quando na terça feira ultima, passando pela rua da Quitanda, e olhando casualmente para a vidraça da livraria dos Srs. Laemmert, deparei com um folheto, tendo por titulo—*Contraprotesto em resposta ao Sr. visconde de Jequitinhonha, etc.*—sendo depois informado que n'aquelle mesmo instante havia sahido da typographia.

Apresso-me, pois, em declaral-o, porque, como é provavel que muitos dos argumentos, senão todos, com os quaes o contraprotestante haja de combater o Sr. visconde, sejam os mesmos do meu contraprotesto, não quero de maneira alguma ser tido em conta de plagiario.

Felizmente tenho para mim que muitas circumstancias especiaes, caracteristicas dos dous opusculos, provarão que o primeiro não foi auxiliar do segundo.

Pouco importa que o contraprotesto a que alludo sahisse dos prelos antes do meu: houve prioridade na publicação, mas certamente a não houve na confecção.

SEGUNDO CONTRAPROTESTO

AO

PROTESTO

DO

SR. SENADOR VISCONDE DE JEQUITINHONHA

« L'effort en dehors de soi et plus encore
« en dedans de soi, est plus nécessaire à me-
« sure qu'on vieillit, que dans la jeunesse.»

TOCQUEVILLE à Mme. Swetchine.

O Sr. senador visconde de Jequitinhonha, esquecendo-se de sua alta posição social, e de sua idade septuagenaria, deu um dia desses á estampa um folheto, já pelo que nos consta, impresso em 2.ª edição, que ao publico sobre maneira sorprehendeu; porquanto, acostumado a venerar S. Ex., geralmente reputado uma das primeiras illustrações politicas do paiz, não esperava de certo ver desmentido semelhante conceito, e desmentido por sentença lavrada pelo punho do mesmo Sr. visconde. Taes são os dislates que se contem no alludido folheto.

O Sr. Jequitinhonha de espaço a espaço convida-nos a que meditemos ácerca da rendição da villa de Uruguayna, e, todavia, jámais meditou tão pouco S. Ex., como quando teve o infeliz pensamento de escrever e publicar aquellas linhas, á que deu o nome de—Protesto—

E não se admire ninguem de que, dizendo eu que o *celebre* folheto é um contheúdo de dislates, e, acrescentarei agora, de blasphemias, tome no entretanto a tarefa de combate-lo: si assim procedo, é em razão

dessa mesma reputação que o Sr. visconde conquistara entre seus concidadãos, alguns dos quaes, arrastados pelas repetidas exclamações e interrogações de S. Ex., se podem illudir, e tomar por patriotismo o que não é senão desabafo! Sim, desabafo bem revelado no seguinte periodo:

« Não ha muitos dias que o illustre visconde de Cabo Frio, ministro da marinha na época gloriosa da independencia, cahio no sepulchro! Bemaventurado foi elle que não vio o astro da independencia eclypsar-se na Uruguayana! »

Se o Sr. visconde fosse realmente patriota e tivesse orgulho, como aliás apregoa, pelos serviços que prestara á emancipação do imperio, devera, ao contrario, exclamar: mal aventurado foi elle que não vio o astro da independencia resplandecer na Uruguayana!

E' tempo porém de entrar na materia, e de fallar á nação e ao monarcha com a sinceridade e franqueza que lhes devo· á nação, porque mais de uma vez me deu uma cadeira na camara temporaria; e ao monarcha, porque já me fez a honra de chamar aos seus conselhos.

Começa o Sr. visconde o seu—*Protesto*—dizendo que a alliança celebrada em Buenos Ayres entre o Imperio do Brasil e as Republicas Argentina e do Uruguay não lhe pareceu de bom aviso e conselho, Uma tal proposição, diz o bom senso, devia ser acompanhada da respectiva prova; entretanto não o foi, e S. Ex. admitte a alliança como facto consumado. Não tendo pois adduzido o Sr. Jequitinhonha o mais insignificante argumento em sustentação do seu parecer a respeito da triplice alliança, não me darei tambem ao trabalho de expender os fundamentos da minha opinião diametralmente opposta á de S. Ex.; porque o que não teve prova, não póde ter refutação. O Sr. visconde não quer discutir a nossa politica do Rio da Prata; seu fim é unicamenie protestar.... Eu nisto

o acompanho; meu fim é unicamente contraprotestar.

Evidentemente apaixonado, o Sr. Jequitinhonha não formulou contra o governo imperial, entre tantas accusações que lhe assacou no seu *famoso libello*, uma só que não faltasse á verdade, notoriamente conhecida.

Assim é que diz que o segredo guardado a respeito da triplice alliança foi tal, que della só teve sciencia o corpo legislativo pela correspondencia diplomatica dos ministros inglezes e residentes em Buenos Ayres e Montividéo, publicada em Londres para conhecimento do parlamento inglez.

E' absolutamente inexacto: logo que foi celebrada a alliança, os membros do corpo legislativo, bem como o paiz inteiro, tiveram conhecimento della, porque os jornaes desta côrte publicaram as suas bases, a exemplo do que fizera a imprensa de Buenos Ayres e Montividéo. A este respeito nada posso additar ao que optimamente ponderou o Sr. Quintino Bocayuva no excellente artigo que, ha dias, fez inserir no *Diario do Rio*, analysando o opusculo em questão.

Causa realmente dôr ver um senador do imperio, um conselheiro estado, de lançar asserções tão levianas, para lhe não dar o seu verdadeiro nome, como as que emitte o Sr. visconde no seu celebre folheto.

Vale a pena transcrever aqui o seguinte trecho, para melhor combate-lo:

« Deixo tambem de examinar aqui a questão—si a diplomacia brasileira esgotou todos os meios á sua disposição para desviar do Brasil a guerra que nos faz o Paraguay.

« O governo imperial não póde por nenhum pretexto declinar de si a rigorosa obrigação de publicar e dar a ler ás camaras legislativas, logo que forem abertas, todos esses documentos.

« O governo imperial deve saber que não póde justificar-se perante os governos das nações civilisadas senão por esse meio—fazendo-lhes ver que empregou tudo quanto estava ao seu alcance para arredar do

Brasil a guerra e manter bôa intelligencia com seus vizinhos, de quem nada pretende, nada reclama, senão paz e harmonia »

Deste trecho se deprehende que o Sr. visconde de Jequitinhonha, *cujo coração de continuo palpita pelo Brasil,* opina que a guerra que o Imperio actualmente mantem contra o Paraguay, não é justificavel. Ninguem por certo tirará outra consequencia das premissas que dubitativamente estabeleceu S. Ex.

Cumpre rememorar os acontecimentos :

Está na lembrança de todos que, achando-se em harmonia as relações do imperio com a republica do Paraguay, sem que alguem o conjecturasse, ou pudesse conjecturar, fôra o vapor — *Marquez de Olinda*—aprisionado por ordem do barbaro dictador daquella Republica, e com elle o deputado Frederico Carneiro de Campos, que se dirigia á provincia de Mato-Grosso com o fim de assumir a sua administração.

O que havia de fazer o governo? Trocar notas diplomaticas, e pedir pelo amor de Deos ao selvagem Lopez que não nos fizesse a guerra? Pois quando um representante da nação brasileira e presidente de uma provincia é aprisionado tão violentamente, mettido em uma presiganga, onde soffre os maiores tormentos, si é que não morreu martyr; quando um vapor do imperio é considerado boa presa com flagrante violação dos mais comesinhos principios do dirrito internacional; quando a provincia de Mato-Grosso é invadida e saqueada pelos escravos de um despota, que não conhece outra lei senão a sua vontade; quando os escravos de um dictador selvagem, além de invadirem a bella provincia de Mato-Grosso, praticam toda a sorte de tropelias, deshonrando virgens, e apoderando se de senhoras casadas e honestas ; é que o governo do Brasil havia de procurar desviar a guerra?... desviar a guerra, quando a guerra já estava declarada?

E que motivos tinha dado o imperio para que

o Paraguay nos declarasse a guerra? Nenhuns. Logo, como era possivel desvia-la? Como tratar diplomaticamente com o ousado selvagem paraguayo, sem lei, sem patria, e sem religião, segundo a phrase do Sr. Jequitinhonha?!

Ora, Sr. visconde, quem não conhecer a V. Ex., e não souber que *o seu coração palpita de continuo pelo Brasil,* terá toda a razão para duvidar do seu patriotismo....

Mas não, meditemos....

O Sr. visconde está na rigorosa obrigação de desenvolver este ponto na tribuna do senado: felizmente S. Ex. no-lo promette.

Pergunta o Sr. Jequitinhonha porque não foi a invasão da provincia de Mato-Grosso acautelada antes de collocar-se o Brasil na posição que assumira com a missão especial. Mais adiante declama: « Abandonou-se Mato Grosso aos rigores, aos assassinatos, e roubos da invasão; e adiou-se a restauração. Adiou-se até hoje. »

Já o illustrado articulista a que, ha pouco, me referi, combateu nesta parte, como em tudo mais, o protesto do Sr. visconde. Pouco tenho pois que dizer.

Acaso ignora S. Ex. a immensa distancia que vai desta côrte á provincia de Mato-Grosso? Como era possivel que o governo acudisse incontinenti á provincia de Mato-Grosso? O que pôde fazer, fe-lo. Era preciso que o governo imperial tivesse o dom de adivinhar; só então podera ter prevenido a invasão; mas si tudo occorreu inopinadamente; si logo após ao aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda,* deu-se o ataque do forte de Coimbra, como accusar o governo de indolente e inerte? Decididamente o Sr. visconde está muito desmemoriado....

Entretanto convinha que S. Ex. não deixasse o

exame dessas importantissimas questões, que tão impertinentemente suscita.

O Sr. visconde nada prova; S. Ex. leva só a interrogar.

« Quaes os obstaculos invenciveis, pergunta elle, que forçaram o governo imperial a não acudir incontinenti aos pontos invadidos? » E accrescenta:

« Esta pergunta fazem todos, e nada encontra-se nas publicações officiaes que sirva de resposta, e satisfaça. »

E' mister ser demasiadamente injusto, para fazer-se semelhante pergunta.

A resposta é facil. Os obstaculos foram os mesmos que teria encontrado o Sr. visconde, si por ventura fosse ministro — a immensa distancia, como já ponderei, em que se acha a provincia de Mato-Grosso; a evidente impossibilidade de ser ella acudida a tempo. Não é dado a ninguem fazer milagres.

O paiz não esperava por certo que um homem, a quem tem elle tanto honrado, como o Sr. visconde, viesse pela imprensa estigmatisar o procedimento do seu governo em uma occasião tão solemne, quando se elle acha a braços com uma guerra, e mais precisa da coadjuvação de todos os seus filhos. Não tenho duvida em dizer que os mais intimos amigos de S. Ex. deploram a sua leviandade.

Desculpe me o leitor as interrupções e digressões. Eu continuo:

Em seguida ao trecho que acabo de transcrever e analysar, prosegue o Sr. Jequitinhonha nos seguintes termos:

« E' verdade, porém, que, emquanto os nossos concidadãos de Mato-Grosso, sem forças, e sem meio de defesa, eram victimas da invasão, abandonavam suas casas, e morriam de fome nos pantanos, ou viam morrer seus filhos, suas mulheres, suas propriedades cahidas no poder dos barbaros invasores: emquanto uma columna paraguaya avançava na al-

tura de S. Borja, ameaçando a invasão, ao depois verificada, da provincia do Rio Grande do Sul, os nossos bravos se agrupavam em Montevidéo, como que desafiando o inimigo a violar a integridade do imperio por esta provincia, e a continuar com facilidade, e sem o menor receio, suas depredações em Mato-Grosso, victima sem defesa. »

O Sr. senador esquece sempre o passado, e que passado? passado, por assim dizer, de hontem.

Antes, Sr. visconde de Jequitinhonha, se V. Ex. o ignorava, fique-o sabendo agora; antes, digo, de avançar a columna paraguaya na altura de S. Borja, *ameaçando a invasão*, ao depois verificada, da provincia do Rio Grande do Sul, Corrientes via o inimigo paraguayo prompto a saqueal-a.

Estava ou não estava celebrada a alliança que V. Ex. tão sómente aceita como facto consumado? Estava. Então não deviam achar-se presentes as armas brasileiras, e secundar os esforços das republicas Argentina e do Uruguay? Ou deviam ter ellas o dom da ubiquidade e acharem-se ao mesmo tempo em todas as partes?

O Sr. visconde é realmente original: não considera que a communicação maritima com Mato-Grosso estava interceptada, e quer que as forças brasileiras devessem abandonar a defesa de uma parte do territorio argentino invadido pelo inimigo commum das tres nações, para acudir a S. Borja, muito posteriormente invadida! Que idéa faz S. Ex. de alliança! Explique-nos, por quem é, Sr. visconde, o que entende V. Ex. por alliança!

Vai sempre caminho errado o Sr. visconde...

« Qual o motivo, pergunta elle (são sempre perguntas), porque, em vez de irem defender a fronteira do Rio Grande, estacionavam as nossas forças na republica Oriental? Porque, em vez de acamparem em S. Borja, acampam no Cerro, e vão de escala em escala, no coração do inverno, até á Concordia? E ahi se conservam, apezar da peste que os

devora, das privações terriveis que os affligem e do ousado selvagem paraguayo, sem lei, sem patria e sem religião, que pisa e desola o solo sagrado da patria?! »

O maior cégo, diz o adagio, é o que não quer ver. O Sr. visconde muito de industria faz-se de cégo. A razão de estacionarem nossas forças na republica Oriental já está dada. A refutação, ou antes, a pulverisação deste periodo do libello de S. Ex. já está feita.

O que eu disse relativamente ao penultimo trecho transcripto, tem aqui todo o cabimento; a refutatação de um é a refutação de outro. Confio bastante no bom senso do leitor.

Logo em seguida prosegue o Sr. visconde:

« Ah! sim: era preciso dar força ao novo governo de Montevidéo; era preciso mostrar que aquelle *povo morria de amores* pelo governo do general Flores. Cumpria, pois, fazer-lhe honrosa e efficinte guarda. »

Para que isto, Sr. visconde? V. Ex. para escrever taes palavras, se não teve algum motivo particular, que nenhum outro póde ser, senão o vehementissimo desejo *que nutre de ser ainda ministro de estado,* e o sentimento que teve de estar esquecido ha 28 annos, então permitta que, com a franqueza que me caracterisa e me é habitual, lhe recommende *um... um passeio á Europa.*

Imploro ao leitor a paciencia de aturar-me, permittindo-me que trascreva mais o seguinte periodo do folheto do Sr. Jequitinhonha.

« Com os nossos resignados soldados foi o nosso ouro defender e enriquecer a terra alheia, quando a nossa bella provincia de S. Pedro estava sendo assolada pela mais monstruosa invasão! Suas principaes povoações, na margem esquerda do Uruguay, saqueadas e incendiadas; as familias desacatadas, roubadas, desamparadas, foragidas! »

Felizmente a resposta a este trecho faz-se o Sr. vis-

conde cargo de dal-a, quando cita o pensamento do illustrado conde d'Alembert: « *Le gout d'abaisser tout.* » E' esta indubitavelmente a censura em que incorre S. Ex.: tudo quer o Sr. Jequitinhonha ridicularisar, *ainda as cousas mais serias,* comtanto que o não interrompam no seu *dulce farniente de senador em que só trabalha quando quer fallar, e na sua sinecura de conselheiro de estado, dando uma consulta por anno!*

Defender e enriquecer a terra alheia!.. Isto não tem resposta; seria tão inconveniente responder, quanto foi inconveniente dizel-o.

Ainda interroga S. Ex.:

« O que faziam nossos batalhões no Cerro, em Paysandú e na Concordia?! Sim, na Concordia, e todos sabem porque... »

Em face disto, vê o leitor que o Sr. visconde só faz repetir. Emquanto a mim, fico que tenho pulverisado semelhante argumento, digo mal, semelhante declamação.

Desenganem-se os homens sensatos, e ouçam o seguinte trecho, que nada mais é que repetição dos dous proximamente anteriores, e no qual pretextando o Sr. visconde um *patriotismo desusado*, delle não se póde concluir outra cousa, além de *uma grande ambição de lucro, de uma grande ganancia.* Ainda bem que o tal opusculo de S. Ex. já está publicado em segunda edição...

« Entendeu, ou entende o governo, que ha por ventura dever mais sagrado do que defender a integridade do imperio; que ha causa mais santa do que expellir do solo patrio o invasor injusto; que ha missão mais elevada e urgente do que guardar a honra e a propriedade das familias brasileiras; que o nosso dinheiro, producto do nosso suor, não deve ser desperdiçado, e muito menos gasto com uma causa estrangeira? »

« Estamos porventura nos tempos de Pitt, que a todos dava subsidios para auxiliarem a Inglaterra em fazer a guerra a Napoleão? E, se o quizessemos

fazer, o poderiamos? Quem é, pois, o inimigo da agricultura? Não é aquelle que provoca ou não acautela uma luta, para a qual serão necessarios centenares de mil contos?

« Ah! os nossos bravos morrem de peste, de frio, de privações, de miseria, emfim, na terra estranha, ao mando de generaes estrangeiros; mas não se quer consentir, por amor dos *alliados*, que venham aquecer-se em nossos lares, gastar no seu paiz os seus soldos, defender a terra em que dormem os ossos de seus maiores, e nem ao menos conceder-lhes a gloria de guardar a honra e a propriedade nacional!

« A integridade do imperio rôta por duas extremidades, e os seus defensores reclusos nas paredes do Baixo-Uruguay!

« Cumpre atalhar o curso de taes acontecimentos. O espirito vacilla e póde desvairar; o coração geme a triste situação do paiz, por todos os pontos em que a considera, e póde desconhecer os dictames da razão; a consciencia em luta com deveres encontrados póde soltar o grito de indignação...

« E' impossivel descer mais... Um passo além é o abysmo. »

Isto é o que se chama *chasquear* (verbo muito predilecto de S. Ex.) das cousas mais serias.

Meus leitores, vamos seguir o conselho do Sr. visconde: meditemos...

O Sr. visconde continúa sempre do mesmo modo a sua tarefa ingloria.

Diz em longuissimo periodo, de quando em quando interrompido com os seus *oh... oh...* que o imperio humilhou-se desde que, em vez do general Sampaio, como se sabia e estava accordado, appareceu o general Flores na margem direita do rio Uruguay para repellir o paraguayo invasor. S. Ex. não póde levar a bem que um general estrangeiro

venha defender o solo da patria! E' este um dos pontos mais interessantes... ou mais burlescos do folheto que o Sr. Jequitinhonha *tão patrioticamente* deu á luz. O periodo em que S. Ex. lamenta a apparição do general Flores na margem direita do rio Uruguay, presta-se bem a uma *scena comica:* cheio de enfadonhas exclamações e de ironias, que apenas servem para dar a conhecer o genio jovial de S. Ex., não resiste á mais ligeira analyse. Uma simples observação responde-lhe cathegoricamente.

O general Flores é nosso alliado, e assim como si qualquer localidade da republica Oriental fosse invadida pelos paraguayos, não seria á mesma republica por fórma nenhuma indecorosa a apparição de um general brasileiro antes do seu general; assim tambem não póde desairar ao imperio a apparição do general Flores na margem direita do rio Uruguay. A triplice alliança identificou a causa das tres nações, e a guerra que o Brasil, conjunctamente com as republicas Oriental e Argentina, mantem contra o Paraguay, é commum aos tres estados.

Por ventura quando Corrientes foi invadida pelos barbaros paraguayos, não foi ao exercito brasileiro que maior quinhão de gloria coube por sua galhardia e bravura? E por ventura pensou alguem que por esse motivo ficára humilhada a dignidade e soberania da republica argentina?!

Não posso deixar de transcrever aqui o seguinte pedaço do folheto do Sr. visconde allusivo á presença dos exercitos alliados na Uruguayana. Elle dá a medida exacta do *bom humor* de S. Ex. Eil-o:

« Oh meu Deus! vede como os homens zombam da vossa infinita generosidade; o imperio do Brasil com tantos recursos, e uma população nove vezes superior a do inimigo, recebe bandeiras e soldados estranhos em seu solo, para auxiliarem a repellir 5,500 paraguayos!!!

« Que decadencia tamanha!!!

« Em 1852 nossas bandeiras gloriosas atravessavam

o Prata, e libertavam um povo inteiro de um despota que nos insultára.

« Em 1865 essas mesmas republicas, então libertadas, mas não maiores que então eram, vem á Uruguayana ajudar-nos a repellir Estigarribia cercado de *quatro gatos pingados*, da terra classica do valor e do patriotismo, a gloriosa provincia do Rio Grande do Sul.

« Quem pensava que a triplice alliança comprehendia a defesa da nossa soberania e integridade ! ! Se alguem o pensou, perante Deos o declaro, eu nunca o pensei, nem em tal cogitei.

« Si o cogitasse, de ha muito me teria levantado para protestar em nome da soberania e dignidade nacional. »

Não posso descobrir, por mais tratos que dê á imaginação, a humilhação que resulta para o imperio da coadjuvação dos exercitos alliados na defesa do nosso territorio invadido pelo inimigo.

Verdade é que o Brasil possue uma população muitissimo maior do que o Paraguay, não direi nove vezes, porque parece-me hyperbolica a estimativa; mas, por outro lado, não é menos verdade que o nosso exercito era antes, e ainda mesmo ao tempo da alliança, muito menor que o exercito inimigo.

Hoje felizmente temos um bom exercito graças ao patriotismo nunca desmentido dos nossos patricios, que, como um só homem, se ergueram para acudir á patria insultada ; mas quando o imperio, ao tempo da alliança, ou antes della, não precisasse da intervenção das armas alliadas, ainda assim não era possivel prescindir dessa intervenção. Vou demonstra-lo :

Tres nações vizinhas empenham-se em uma guerra, celebra-se entre ellas uma alliança, porque não era possivel que se não celebrasse, ainda que mal avisada parecesse ao Sr. visconde.

O que convinha estipular ? Que, quando as duas nações alliadas, as republicas Oriental e Argentina se vissem invadidas, as armas brasileiras corressem em

seu soccorro, entretanto que si o territorio brasileiro fosse invadido, não contasse elle, senão com os seus meios de defesa, sem a menor intervenção das nações suas alliadas?

Queria isto o Sr. visconde? Neste caso, onde a reciprocidade dos direitos e deveres provenientes da alliança? E estariam por semelhante convenio as republicas Oriental e Argentina?... Ou não se julgariam ellas offendidas em sua dignidade e soberania de nações independentes e livres? O Sr. Jequitinhonha desconhece que a dignidade das nações legitimamente constituidas não é aferida pela sua força e poder, mas por sua soberania e independencia?

Não, não era possivel que as republicas alliadas admittissem esse accordo. O que sobre isto declama o Sr. visconde é mais que um erro, é uma inepcia!

Cuido, porém, que S. Ex. não quizera tambem que as armas brasileiras auxiliassem as localidades invadidas das republicas alliadas: quizera que cada uma das tres nações se limitasse a defender o seu territorio, tornando-se sómente effectiva a alliança para o fim de invadirem os tres estados a republica do Paraguay e castigarem o seu arrojo.

Então, Sr. visconde, devera o Brasil consentir que o estado Oriental, sem exercito, ou com um exercito muito diminuto, ainda que bravo, fosse invadido por uma miseravel tropilha de escravos desmoralisados do despota do Paraguay (formaes palavras de S. Ex.) mal armados, mal vestidos, mal nutridos, não, mortos de fome?!

Poderia a politica generosa do Brasil aconselhar esta deshumanidade?

Não ha duvida: estou descrendo dos sentimentos humanitarios de S. Ex. Estou desconhecendo nelle o *emancipador da escravidão do Brasil*.

As maiores intelligencias fraqueam na sustentação de uma causa má; á mingua de argumentos, começam pela declamação, passam á hallucinação e finalisam no delirio! E' só assim que se póde ex-

plicar, ou, antes, attenuar a ameaça que dirige o Sr. visconde á nação, na hypothese de não ser ella forte para repellir qualquer invasão estrangeira. « E se o não fôra, exclama o Sr. Jequitinhonha, se o não fôra.... então deve procurar e reconhecer um patrono ou constituir uma federação!!! »

O que se me offerece dizer sobre esta ameaça é... é que o Sr. visconde tem... tem um assento no conselho de estado!..

Releva ainda repetir com S. Ex.:—meditemos.

Muito sensibilisou o patriotismo do Sr. visconde de Jequitinhonha o haver o general Flores mandado intimar o chefe das forças paraguayas na Uruguayana a que se rendesse; mas por certo que muito *susceptivel* se mostra o patriotismo do Sr. visconde, porquanto, se o general Flores assim procedeu, foi de accordo com o general brasileiro, o Sr. barão de Porto-Alegre, accordo que se deve suppor previamente estabelecido, e do qual dá irrefragavel testemunho a nota conjuncta que S. Ex. appensou ao seu *famoso libello*, sob a letra C. Nesta nota, além do general Flores, estão assignados os Srs. visconde de Tamandaré, barão de Porto-Alegre e Wenceslão Paunero.

Leva muito a mal o Sr. visconde que se propuzesse a rendição das forças paraguayas com as honras da guerra ao coronel Estigarribia, que, na phrase de S. Ex., nunca se vio tão requestado.

Exclama o Sr. visconde:

« Que! Offerecer honras da guerra ao invasor que sorprehendeu, saqueou, incendiou, violou a propriedade e a familia. E' sem duvida generosidade desconhecida nos fastos da guerra. »

Creio que S. Ex. está disposto a zombar do bom senso dos brasileiros.

Queria o Sr. visconde que fossem mandados en-

forcar os officiaes paraguayos? Queria que o Brasil e as republicas alliadas imitassem o exemplo do despota, do ousado selvagem, sem lei, sem patria e sem religião? Não foram as condições da rendição dictadas pelos principios da mais justificavel humanidade?

Desconhece o Sr. visconde esses principios modernamente respeitados em casos identicos por todas as nações civilisadas? Ou desejava S. Ex. que volvessemos aos tenebrosos tempos da barbaria?...

Nada mais tenho que dizer a respeito da materia do folheto: quanto á sua publicação, direi que, ainda quando fosse sustentavel e razoada a opinião do Sr. Jequitinhonha, não devera elle jamais fazel-a circular, uma vez que foi S. M. o Imperador quem mais efficazmente concorreu para a rendição das forças paraguayas na Uruguayana. Não devera dar á estampa seu protesto, porque, como subdito respeitoso e agradecido ás honras, que lhe tem conferido o monarcha, ao Sr. visconde corre o rigoroso dever de não magoar o coração do principe magnanimo que, para gloria e felicidade do Brasil, dirige os seus destinos.

TYPOGRAPHIA — PAULA BRITO — 1865.